PATRIMÔNIO FUNERÁRIO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO EM SOLÂNEA/PB

Vivian Galdino de Andrade
Universidade Federal da Paraíba/Bananeiras- PB/Brasil
vivian.galdino@academico.com.br

RESUMO: Este artigo traz o intuito de discutir os cemitérios como 'lugares de memória' no município paraibano de Solânea, mais especificamente o cemitério municipal de "Santo Antônio" e o cemitério existente no "Memorial Padre Ibiapina". O primeiro, como um lugar de saudades, de uma memória que se cristaliza em túmulos; o segundo, como uma memória que vai para além do túmulo, resultado da construção cultural de uma devoção ao Padre Ibiapina em Solânea. Nos apropriamos do aporte teórico da Nova História Cultural, através de Pierre Nora (para o debate de lugares de memória), Lorival Andrade Júnior (e suas reflexões sobre Cemitério e a cristalização da memória) e Durval Muniz (para discutir a Pedagogia da Saudade). Metodologicamente, trabalhamos com discursos de jornais de época e Termos de Óbito, com vistas a refletir sobre as práticas culturais destes espaços em Solânea. Como produto final dessa pesquisa foi apresentado um guia pedagógico, ressaltando sua importância cultural e histórica) desses espaços de representação da cultura local.
Palavras-chave: Cemitérios; Lugares de memória; Patrimônio Histórico; Solânea

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute o "Cemitério Santo Antônio" e o cemitério localizado no "Memorial Padre Ibiapina", como espaços de memória na cidade de Solânea/PB, lugares culturais de vivos e mortos, de práticas de enterramento e ritos fúnebres, ambientes que trazem histórias e afetividades e que, por isso, educam.

Em sua trajetória histórica Solânea já foi Chã, Distrito e Vila, sempre se destacando pelo seu crescimento comercial. No ano de 1926 a 'Chã de Moreno' foi transformada em 'Distrito de Paz' (pela Lei Nº 6. 637, de 4 de dezembro), passando a ser conhecida apenas como Moreno. Foi elevada à categoria de Vila através do Decreto Lei Nº 1.164, de 15 de novembro de 1938. A Vila de Moreno passou a ser chamada de Solânea, devido à plantação de fumo, gênero das solanáceas. Pelo Decreto Lei Nº 967, de 26 de novembro de 1953 ela se tornou cidade.

Ambos os cemitérios aqui pesquisados estão ligados ao patrimônio histórico e cultural de Solânea, e aqui são discutidos como um bem material, por meio da arquitetura de seus túmulos, que com sua função ornamental refletem o patrimônio arquitetônico da cidade. Carrasco e Nappi (2009, p.46) anunciam que

> O cemitério pode ser considerado a segunda morada, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão, de uma vila ou até mesmo de uma cidade. São nos cemitérios que se repetem os elementos arquitetônicos e paisagísticos presentes nas cidades e onde se reproduz, de fato ou de forma idealizada, a ordem sócio-econômica dos vivos.

Para além dessa perspectiva material, bens imateriais marcam a vida da cidade no cemitério, tais como os rituais fúnebres, a construção de uma devoção e as diversas formas religiosas de enterramento, causas mortes e celebrações em torno da dor e da despedida. Diante disso, nesta pesquisa propomos estabelecer conexões entre o Cemitério de Santo Antônio (atual cemitério municipal) e o Cemitério criado pelo Padre Ibiapina em Santa Fé, como espaços de memória e patrimônio de Solânea.

Metodologicamente, trouxemos o objetivo de discutir, nesse artigo, os cemitérios de Solânea como lugares de memória, patrimônios recheados de saberes e sociabilidades. Para tanto, traçamos como metas: 1. Mapear as histórias que cercam a criação do Cemitério Santo Antônio, destacando as memórias que cercam o cemitério Chã de Santa Tereza; 2. Discutir o cemitério existente no Memorial Padre Ibiapina como um espaço de memória, patrimônio e turismo religioso de Solânea; e 3. Produzir um Roteiro Pedagógico para aulas nesses espaços.

O levantamento documental realizado partiu de diversas fontes como livros de memória locais, acervos virtuais, jornais de época, Livro de "Termos de Óbito" e legislações municipais. Entre os jornais estão: "O Jornal a União", "Jornal Correio do Moreno", "Jornal da Paróquia de Santo Antônio"[1]. Após esse levantamento produzimos uma ferramenta didática que viabilizasse o debate sobre a história local a partir desses espaços, que foram os "roteiros pedagógicos". Tais roteiros foram produzidos para apresentar o potencial pedagógico de cada cemitério.

2. CEMITÉRIO COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA

Pierre Nora (1993), colocado pela História Cultural como referência neste debate, define os lugares de memória como

> [...]antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, por que ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado (Nora, 1993, p.12-13)

Fruto de um grande debate, essa citação parece ser própria aos dias atuais, tendo em vista a realidade que encontramos estes espaços de memória na Paraíba. Eles continuam existindo pelo estímulo e resistência em persistir vivos e de pé, mas se apresentam, em grande

[1] Produzido pelo Grupo de Pesquisa História da Educação do Brejo Paraibano – HEBP. Consulte o repositório no seguinte endereço eletrônico: www.cchsa.ufpb.br/heb

maioria, como carentes de cuidados, de atenção e de políticas que os valorizem como ambientes que narram, guardam e monumentalizam vestígios de um passado.

O conceito de lugares de memória foi elaborado para significar "onde a memória se cristaliza e se refugia" (Nora, 1993, p.7). São monumentos, praças, prédios, arquivos, cemitérios, hinos, lugares ou criações imateriais que buscam fixar a memória de um grupo de pessoas, de uma comunidade, de logradouros que tem suas histórias e culturas registradas em formas discursivas (como orações, ditados, emblemas, comemorações, canções, narrativas míticas, festas, etc.).

Pierre Nora (1993, p.13) endossa que eles "nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais". Com essa colocação o autor aponta que precisamos de alguma coisa que nos remeta a memória do que já se foi, dessa forma é possível perceber o cemitério como parte integrante da memória social de um povo. Memórias, saberes e sociabilidades perpassam a história desses lugares.

Discutir a história local é falar de "[...] assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional" (Barros, 2013, p. 15). Dessa forma, debater sobre os cemitérios de Solânea é falar de sua história local, de suas particularidades, da história do cotidiano desses locais que perpassam a cultura do povo solanense, principalmente quando atrelada à dor e à saudade.

2.1.Cemitério de Santo Antônio

F1: Cemitério Santo Antônio



Fonte: Acervo de Ednaldo Pinto Júnior, 1960.

Passeando pela história dos cemitérios do Brejo Paraibano durante o século XIX, tivemos acesso ao Livro de "Termos de Óbito", datado dos anos de 1800, encontrado nos Livros de

Tombo da Igreja Nossa Senhora do Livramento, pertencente a Bananeiras. Nesse livro, foi possível mapear os cemitérios existentes na circunvizinhança da época. Tais livros trazem registros sobre os tipos de mortes e como aconteciam as práticas de enterramento naquela época.

Dentre os cemitérios mapeados, damos ênfase aos seguintes: Cemitério Boa Vista, situado em Borborema, Cemitério Nossa Senhora da Boa Morte em Serraria, Cemitério São José localizado no atual distrito bananeirense de Vila Maia, Cemitério de Bananeiras, Cemitério de Belém, Cemitério Chã Santa Thereza, Cemitério de Santo Antônio e o Cemitério de Arara (que julgamos ser o cemitério localizado no Santuário Padre Ibiapina).

O Cemitério Chã de Santa Tereza foi o primeiro cemitério de Solânea, ainda enquanto distrito de Bananeiras. O trecho do jornal *A União* (1931) faz menção a "Chã do Cemitério", terreno plano que se situava próximo a Moreno.

> A convite do sr. Prefeito estendi a minha inspecção aos terrenos chamados da "Chã do Cemiterio", pertencentes ao Patronato Agricola "Vidal de Negreiros" e aos terrenos de propriedade daquelle sr., situados a 1kilometro do povoado de Pilões do Maia. Cujos resultados são os seguintes: Chã do cemitério - Esses terrenos situados a 1 kilometro da villa de Moreno, além de não ficarem á margem de nenhuma estrada de transito regular e de não estarem a disposição da Prefeitura apresentam, muito embora em menor gráu, os mesmos inconvenientes, quanto ao solo e á exposição, apoutados nos terrenos da Chã de Santa Thereza, por isso que não é possível o seu aproveitamento para o estabelecimento do Campo (Jornal A União, 09 de janeiro de 1931, p.2).

"Chã do Cemitério", mencionado na citação, era sede do "Cemitério Chã de Santa Thereza", este que daria origem anos depois ao cemitério municipal de Santo Antônio, fundado por Celso Cirne[2] ainda no ano de 1902, em Solânea. O antigo Cemitério de Santa Tereza também era conhecido como Cemitério da Aldeia, tal cemitério era destinado para o enterramento de indígenas catequizados e de colonizadores que viviam nas imediações, sendo possivelmente datado dos anos de 1800.

Através das pesquisas realizadas nos Termos de Óbitos, foi possível constatar quais eram os tipos de mortes e as práticas de enterramentos existentes em Solânea. Mortes causadas por moléstia do pulmão, mal interior, mordedura de cobra, parto, tiro, facada, hidropesia, apoplexia e cólera eram as mais comuns. O Termo de Óbito (1855, p.3v), cita: "Aos dois de Abril de 1855 sepultouse a adulta Floripa Francisca de Lima casada com Pedro Techeira, fallece de colera e

[2] Celso Columbano da Costa Cirne, nasceu em 1866, em Bananeiras e mudou-se para Solânea em 1901, foi um dos homens que mais lutou para o desenvolvimento industrial, econômico e político do lugar (BASTOS, 1987, p. 128).

foi envolta em habito branco, o que para constar mandei faser este assento. Por comunicação o Vigro. José Euphro de Mª Ramalho".

O cólera era uma doença que causava vômito, diarreia, eliminação da urina até levar à morte. Para Mariano e Mariano (2012, p. 12) "O cólera, também conhecido como "mal do Ganges" teria saído do Pará, passando por Pernambuco até chegar à Paraíba em 1856. E neste mesmo ano chegou como um furacão matando quase vinte e seis mil pessoas, em uma população que não chegava aos trezentos mil habitantes". Ainda segundo as autoras, cemitérios isolados do centro das cidades foram construídos apenas para receber os mortos por essa epidemia, "Somente em 1856 foram criados cemitérios nas vilas de Sousa, Pombal, Patos, Catolé do Rocha, Alagoa Nova, Pilar, Bananeiras, Cabaceiras e Santa Rita, lugares mais afetados pela epidemia do 'mal maior que foi esse terrível hóspede' (Mariano e Mariano, 2012, p. 14).

Anos à frente, a situação parecia similar e o Brasil achava-se tomado pelo surto de diversas epidemias como a tuberculose, a varíola e a malária, doenças comuns também na Paraíba devido ao clima seco da região. Assentos de óbito de Solânea também foram lavrados narrando esses e outros males:

> Aos 11 de março de 1858 na Capella de Santa Thereza sepultou-se a adulta Maria Rufina falleceu de **molestia no interior** e foi envolta em branco encomendada para o vigário RV da. Vibro. abaixo assignado, o que para constar mandei faser este assento. Por comunicação o Vigro. José Euphro de Mª Ramalho" (Termo de Óbitos, 1858, 4).
>
> Aos 23 de julho de 69 no semiterio desta vila, digo de Santa Thereza sepultou-se Francisca Maria de Can, parda de ide 40 anos casada que foi com João José Ribeiro moradora de um povoado que localiza-se próximo a barragem Canafistula em Solânea, falleceu de **Males Venereses**, com os sacramentos da penitencia envolta em habito branco foi sepultada do que para constar mandei lavrar este assento. Por comunicação o Vigro. José Euphro de Mª Ramalho (Termo de Óbitos, 1869, 8v).
>
> Aos 3 de fevereiro de 1873 no Cemitério da Aldeia sepultou-se Joaquim da Silva Pereira, pardo, com idade de 34 annos casado que foi com Luisa da Conceição moradores no Olho d'água Seco. Falleceu **de facadas** envolto em (...) habito branco. Foi encomendado, do que para constar fiz esse assento. Por comunicação o Vigro. José Euphro de Mª Ramalho (Termo de Óbitos, 1873, 12v).
>
> Aos 13 de dezembro de 1858 sepultou-se na aldeia, fora do sagrado Maria Cavalcanti de Oliveira, parada, com idade de 81 annos, casada que foi com João Alberto da Silva, moradores dos três irmãos. Foi envolta em habito branco, o que para constar, fiz este assento. Por comunicação o Vigro. José Euphro de Mª Ramalho (Termo de Óbitos, 1858, 16v).

As "*moléstias no interior"* eram aquelas não identificadas, e assim eram registradas pela falta de justificativa da causa morte. Os "*males venereses*" podiam estar associados às doenças

de causas venéreas, como a sífilis, que acometeu o estado da Paraíba, de forma mais ampla, no ano de 1920. Araújo (2021, p.265) aponta que nesta década houve a "[...] criação do Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas com a instalação do Dispensário "Eduardo Rabello" na cidade da Parahyba do Norte, em dezembro de 1921", tal serviço se especializava em trazer orientações de profilaxia e tratamento da sífilis no estado. Facada e causas morte ocasionadas pela idade também foram encontradas nos assentos consultados.

O que é comum em todos esses assentos descritos são as práticas de enterramento, onde o sujeito falecido ficou envolto em "*hábito branco"*. Ou seja, nos leva a crer que a mortalha branca era um típico ritual de enterramento da época, onde a cor poderia estar atrelada – dentro de uma cultura cristã – a limpeza e purificação. Outro ponto em comum é quem lavra a morte dos sujeitos, o Vigário José Euphoro de Maria Ramalho[3], confessor do Padre Ibiapina no século XIX, enterrado no Cemitério do Memorial de Padre Ibiapina.

O Cemitério Público de Santo Antônio encontra-se localizado na rua Professor Alaíde Silva, no centro da cidade de Solânea. O local já passou por quatro fases, sendo a primeira delas em 1902, quando foi fundado por Celso Cirne. A segunda fase aconteceu em 1937, no governo de Pedro de Almeida. A terceira fase se deu no ano de 1966, no governo de Epifânio Plácido da Silva. Já a quarta fase se deu em 2015, no governo de Sebastião Alberto Cândido da Cruz.

Ainda no ano de 1937, em sua segunda fase, o então prefeito de Bananeiras à época, Pedro Augusto de Almeida, teve a iniciativa de reformar o cemitério improvisado, dando a ele uma cara nova. Acredita-se que foi por meio desta reforma que o cemitério adquiriu uma estrutura de fato, com muros substituindo as cercas. Uma notícia publicada no Jornal A União, em 23 de junho de 1937, também confirma esse feito:

> A respeito da inauguração do cemitério publico do districto de Moreno, foram transmitidos ao chefe do Govêrno os despachos subsequentes:
> "Bananeiras 21- Communico vossencia inaugurei nesta data cemitério povoação Moreno melhoramento de que grandemente se ressentia aquella prospera localidade pt Cumpre-me agradecer em meu nome e população Moreno valoroso concurso dispensado vossencia realização obra incorporada hoje patrimonio municipal pt Respeitosas sds. Pedro de Almeida Prefeito" (Jornal A União, 23/06/1937, p.2)

Já no ano de 1966, o cemitério passou por sua primeira ampliação, na administração do então prefeito da cidade de Solânea, Epifânio Plácido da Silva (1963-1968). Uma placa existente no local anuncia "Administração do Prefeito Epifânio Plácido da Silva. Solânea, 2-11-66". A ampliação do cemitério foi sendo registrada simbolicamente, coexistindo com os

[3] Em algumas fontes seu nome aparece como Padre Euphosino de Maria Ramalho.

feitos anteriores. Essa mesma divisão pode ser também percebida pelo visitante, que a cada quadra compreende os anexos que foram sendo acoplados ao cemitério. Com a reforma, o cemitério ganhou uma capela.

O Cemitério Santo Antônio possui, com todos esses anexos, um total de oito quadras, sendo duas delas pertencentes ao cemitério construído em 1937, quatro construídas em 1966, e duas construídas na última extensão de 2015. Cada quadra é nomeada com nome de santos católicos, apontando o forte traço dessa tradição católica no município. O nome que intitula o cemitério, Santo Antônio, também intitula o nome da Igreja Matriz da cidade, construída no ano de 1944, após a chegada de Frei Damião no município.

2.2. Cemitério do Memorial Padre Ibiapina

O Santuário Padre Ibiapina[4], encontra-se localizado no distrito de Santa Fé, a 15km de distância da cidade de Solânea. O local foi idealizado pelo Padre José Antônio Maria Ibiapina, com a ideia de que o espaço fosse sede de uma de suas Casas de Caridade[5], a de Santa Fé.

F2, F3, F4 e F5 – Espaços do memorial



Casa dos milagres



Residência de Padre Ibiapina.



O Casarão



Capela e a entrada do Cemitério

Fonte: Produzido pela autora, 2026

O memorial Padre Ibiapina ainda é formado por um museu, um centro de documentação, um auditório e um anfiteatro a céu aberto. Padre Ibiapina era natural da cidade de Sobral, município do estado do Ceará. Nasceu no dia 5 de agosto de 1806, sendo filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. De acordo com Carvalho (2003, p.1), Ibiapina

[4] O Memorial Padre Ibiapina é tombado pelo decreto estadual **IPHAEP**. Nº 21.228. 12 set de 2000.

[5] A Casa de Caridade de Santa Fé, como assevera Mariz (1997, p.79) foi "[...] a menina dos olhos de Ibiapina". Foi fundada no dia 1º de maio de 1886, localizando-se num local elevado, seco, bem arejado e iluminado. Esta instituição juntamente com o Hospital de Areia constitui obras importantes para o Brejo paraibano por colaborarem para a melhoria de vida de órfãos, enfermos e desvalidos de fortuna.

> Foi juiz de Direito e chefe de polícia [...], deputado e advogado. Padre Ibiapina foi ordenado apenas aos 47 anos de idade em 1853. Após sua ordenação foi nomeado Vigário geral e providor do Bispado, professor de Eloqüência do Seminário de Olinda, [...]viajou, doutrinou, curou, educou o povo semi-abandonado dos sertões, ministério esse que lhe ocupou os 30 últimos anos de sua vida. Entre 1875 e 1883, nos seus últimos anos de vida, Padre Ibiapina ficou quase paralisado e teve que permanecer no seu centro de Santa Fé, perto de Arara – PB, 155 km a noroeste de João Pessoa, onde continuou exercendo a direção das casas de caridade por ele fundadas, através de cartas.

A propriedade, na qual se construiu o Santuário localizado em Santa Fé, foi doada em 1858 pelo fazendeiro Antônio José Cunha, a pedido de sua esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha. A doação se dera com a condição de que Ibiapina fundasse ali um Hospital de Caridade para as vítimas da epidemia de cólera que atingia a região (Nascimento, 2020). Ao fundar a Casa de Santa Fé, Ibiapina partiu em nova peregrinação pela Paraíba e outros estados do atual Nordeste, retornando a Santa Fé em 1872, quando começou a reforma que visava o aumento do prédio de caridade, antiga Casa Grande da Fazenda (Casarão). No entanto, as Casas de Caridade que fundou por onde passou figuram como suas principais obras, elas consagram um ideal de vida a ser seguido pelas irmãs acolhidas, pautado em um regimento interno elaborado pelo próprio Padre Ibiapina e orientado na moralização, através do trabalho. Em Santa Fé, o Padre Ibiapina viveu seus últimos dias. Após ter sofrido com a paralisia nas pernas e a pleurisia, no dia 19 de fevereiro de 1883, aos 76 anos, ele faleceu. O cemitério do memorial, onde encontra-se enterrado o corpo do Padre, foi construído no ano de 1873 pelo próprio Ibiapina. Atualmente, oito túmulos existem no cemitério. Em nossas pesquisas foram identificados como padres e pessoas próximas a eles.

Quanto ao túmulo de José Antônio de Maria Ibiapina**,** o Padre Ibiapina, encontra-se dentro da capela construída por ele, situada ao lado do cemitério.

F6: Túmulo do Padre Ibiapina



F7: Pedra que cobria o túmulo do Padre Ibiapina



Fonte: Acervo da autora, 2026

Tal capela inicialmente era um pequeno local de oração, que logo após a sua morte foi escolhida para abrigar seu túmulo. Para o ex-Pároco do local, José Floren, havia a existência de uma pedra/louça original que cobria o túmulo do Padre antes dele ser revestido, apontada na F7. Atualmente essa pedra se encontra exposta no museu do memorial, e cita "Aqui jaz o P.^{e} Mª Hybiapina. P.N.A.M.". Anteriormente os restos mortais do padre ficavam numa urna funerária (F9). Nela existiam símbolos como o chapéu, a estola e figuras de anjos. Após o revestimento do túmulo, a urna foi reconfigurada em mármore, recebendo uma lápide que anuncia "Servo de Deus. José Antônio de Maria Ibiapina. Sacerdote e Diocesano"

F9 Antiga Urna Funerária



F10: Nova Urna funerária



Fonte: Acervo da autora, 2026.

Após a morte do Padre Ibiapina, o memorial passou a ter um forte viés turístico e religioso, pautado na devoção e na santificação popular do Padre Ibiapina. É como cita Andrade Júnior (2017, p.155), "O cemitério é o espaço onde o túmulo torna-se sagrado, quando reverenciado e buscado por devotos que, por meio de sua fé, identificam no morto e no seu local de enterramento a chave para se abrir a porta de um mundo de "graças atendidas" e "pedidos realizados"". O corpo do padre, santificado pelo povo, passa a ser cultuado anualmente em Solânea, fruto da construção de uma devoção que se renova continuamente. Todos os dias 19 de cada mês e, de modo especial, em 19 de fevereiro, é celebrada a morte do Padre Ibiapina.

F11: Devotos do Padre Ibiapina



Fonte: Imagem cedida pelo Padre Floren. Acervo da Autora, 2026

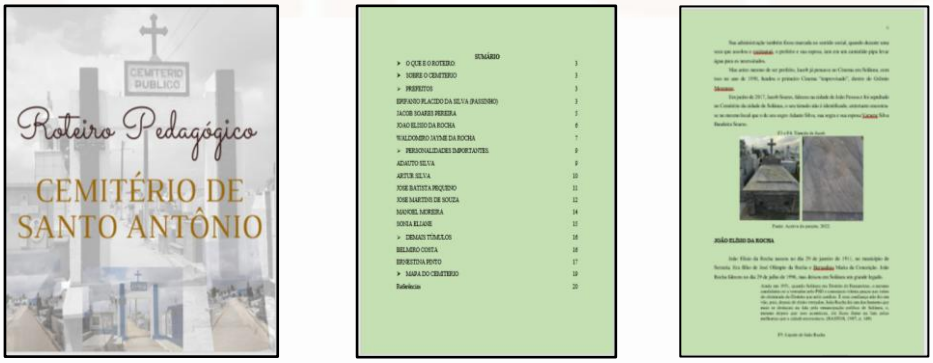
A imagem acima aponta uma caixa de vidro, dentro dela pequenos pedaços de ossos postos como pertencentes ao Padre Ibiapina podem ser vistos, relíquias consideradas sagradas, que são adoradas durante o evento das Romarias. Tal evento reúne mais de 15 mil[6] pessoas em visitação a cidade, movimentando o comércio e o turismo local. Desde o ano de 1992 caminha um processo de solicitação de canonização do Padre Ibiapina no Vaticano. No ano de 2016 representantes do Vaticano estiveram no Memorial para dá encaminhamento ao processo de beatificação do padre, que até o presente momento ainda não se encontra concluído.

3. ROTEIROS PEDAGÓGICOS PARA OS CEMITÉRIOS

O turismo pedagógico, como metodologia de aprendizagem, ainda é pouco utilizado no cenário educacional, ainda mais quando se trata do turismo a partir do cemitério. Também chamado de "necroturismo", essa atividade já vem sendo desenvolvida em alguns cemitérios do Brasil, como o Cemitério da Consolação em São Paulo (1858), o Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte (1897), o Cemitério Municipal de Passos (1890), em Minas Gerais, e o Cemitério do Gavião (1908), no Maranhão.

O roteiro pedagógico produzido, nessa pesquisa, para o "*Cemitério Santo Antônio*" tem um total de 20 páginas. Ele está composto por capa, índice, introdução, breve contextualização histórica sobre o lugar e o que chamamos de memória histórica dos sujeitos lá enterrados.

F12: Roteiro Pedagógico 'Cemitério Santo Antônio'



Fonte: Repositório Digital HEB
Disponível em: http://plone.ufpb.br/heb/contents/arquivos/recursos-didaticos/roteiro-pedagogico-cemiterio-santo-antonio-solanea-pb

Foram um total de doze memórias históricas criadas com as principais informações coletadas nas fontes, que contemplam a pessoa falecida, seu ano de nascimento e as atividades

[6] Dados coletados do Site Paraíba Criativa. Disponível em: https://www.paraibacriativa.com.br/artista/santuario-de-santa-fe/. Acesso em 22 de agosto de 2022.

que esse sujeito realizou na/para a cidade. O roteiro também apresenta um mapa com as demarcações das fases históricas pela qual passou o cemitério.

Já o roteiro confeccionado para o "*Cemitério do Memorial Padre Ibiapina*" conta com a memória histórica de 8 (oito) pessoas reconhecidamente identificadas e enterradas no local. O levantamento desses nomes foi realizado por meio de visitas ao santuário e conversas com o ex pároco do local Joseph Floren. De forma similar ao anterior, o roteiro deste cemitério é composto por capa, índice, breve introdução e o a memória histórica dos sujeitos.

F13: Roteiro 'Cemitério Memorial Padre Ibiapina'



Fonte: Repositório Digital HEB
Disponível em: http://plone.ufpb.br/heb/contents/arquivos/recursos-didaticos/roteiro-pedagogico-cemiterio-do-memorial-padre-ibiapina-solanea-pb

Ambos os Roteiros se encontram disponíveis no "Repositório História da Educação do Município de Bananeiras – HEB", na aba dos recursos didáticos. Tal repositório foi uma criação do Grupo de Pesquisa História da Educação do Brejo Paraibano – HEBP e reúne acervos digitalizados e recursos didáticos de Bananeiras e das cidades circunvizinhas, como Solânea. Ao fim desta pesquisa, constatamos que os roteiros dos cemitérios aqui discutidos têm um grande potencial pedagógico para trabalhar a história local do município de Solânea, com eles é possível ampliar a ideia do que constitui o patrimônio e a história da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cemitérios de Solânea representam a forma como uma sociedade lê seu passado e ressignifica a memória de seus mortos, além de constituírem fragmentos de sensibilidade das relações entre os sujeitos e as histórias por eles tecidas. São ambientes sociais e culturais, espaços de aprendizagem que potencializam o debate da história local do município, a partir do (re)conhecimento das histórias que o circundam, dados de um cotidiano que pode desvelar

práticas de enterramento, registro de memórias saudosas e histórias ligadas a sujeitos comuns, até então anônimos de uma história oficial do município. O 'Cemitério Santo Antônio' expõe a história da cidade ao crescer e se expandir paulatinamente junto com o lugar, trazendo em seus meandros as características comerciais da cidade. Já o 'cemitério' localizado no 'Santuário Padre Ibiapina' guarda consigo histórias, memórias e crenças, fruto de uma cultura recheada e modificada pelo local. Acreditamos que os roteiros pedagógicos, por nós criados, sejam não apenas ferramentas didáticas para o debate da história local, mas também instrumentos que possibilitam visibilidade, reconhecimento e potencial pedagógico para os cemitérios, alertando para a existência de políticas locais de preservação desses espaços de memória existentes em Solânea.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 149- 174, 2013. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/95/75. Acesso: 20 jul. 2025.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. In ALVEAL, Carmem Margarida Oliceira (et al orgs.). **Reflexões sobre História Local e produção de material didático.** EDUFRN: Natal, 2017. (p.136-181).

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade. NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, julho/dezembro, 2009, p.46.

CARVALHO, Claudio Sousa de. Padre Ibiapina. IN: Simpósio Nacional de História, 22, 2003. João Pessoa. **Anais**…João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177541_0d39a74dc27b114f5df592a67c02662b.pdf . Acesso em: 23 fev. 2026.

NASCIMENTO, Michel Galdino. Memória entrelaçadas em um patrimônio: a Santa Fé de Padre Ibiapina. **Monografia de Especialização** (História Local). Universidade Estadual da Paraíba, 2020, pp.45.

NOBREGA, Humberto. **Evolução Histórica de Bananeiras**. João Pessoa. 1968

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: /https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101.Acesso em: 19 de Julho de 2025.

Jornal A União. Melhoramentos Publicos no Districto de Moreno., João Pessoa, XLV, 112, p. 2.